

Cartografia das controvérsias em torno do termo 'comuna vírus' no YouTube: contrastes com a Política Externa de Bolsonaro¹

Mapping the controversies around 'comuna vírus' term on YouTube: contrasts with the Foreign Policy of Bolsonaro

Felipe Alves Oliveira²
f3lpps@outlook.com

José Bruno Fenerick Júnior³
jose.fenerick@usp.br

Resumo

Por meio da linguagem Python, foram coletados os resultados da pesquisa sobre o termo "Comuna Vírus" na plataforma YouTube. A partir destes dados, o artigo tem como objetivo cartografar as controvérsias em torno do termo e demonstrar as consonâncias entre os conteúdos na plataforma e a política externa do governo Bolsonaro. Aliado à análise de conteúdo e à análise de similitude, encontramos duas grandes comunidades discursivas que se antagonizam dentro do corpus. Uma é formada pelos discursos ao redor da ideia de Brasil enquanto nação, pátria a ser protegida, e/ou território em disputa. E uma outra, caracterizada por uma tríade que é, ao mesmo tempo, uma ameaça sino-comunista e patogênica, a qual gera infecção viral e política. Assim, desde ambas grandes comunidades discursivas, reconstruímos seus percursos até à macro política, contrastando nossos resultados com as mais recentes análises da política externa do governo Bolsonaro, compreendendo a atuação exterior deste como dinâmica que visa agradar a opinião pública, em especial suas bases reacionárias, mantendo seu contínuo movimento de formação de grupo apoiador do governo.

Palavras-chave: Desinformação; Política Externa; COVID-19; Opinião Pública; Redes Sociais.

Abstract

Through the Python programming language, research results were collected about the terms "Comuna Virus" on the YouTube platform. From those, the article aims mapping the controversies over the term and demonstrates the consonances between the content in the platform and Bolsonaro's foreign policy. Through the cartography of controversies, the content analysis and the analysis of similarities, we found two large discursive communities that antagonize within the corpus. One is made by speeches around the idea of Brazil as a nation, homeland to be protected and/or territory in dispute. Another is characterized by one triad, that is at the same time Sino-communist and pathogenic which generates viral and political infection. From both opposite discursive figures, we rebuilt their route until the macro politic contrasting our results with the most recent analysis of Foreign Policy of Bolsonaro government, understanding its international performance as a dynamic that aims to please the public opinion, especially its reactionary groups, keeping a continuous movement of formation of a government's supporter group.

Keywords: Fake News; Foreign Policy; COVID-19; Public opinion; Social Networks.

¹ Agradecemos à CAPES o financiamento concedido.

² Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco - PPGCOM-UFPE.

³ Mestrando em Relações Internacionais pela Universidade de São Paulo - IRI-USP.

Introdução

Por meio da Cartografia das controvérsias (Venturini, 2010b), apresentaremos o que os usuários do YouTube entendem por "comuna vírus", termo empregado em referência ao novo coronavírus, usado amplamente por divulgadores e políticos de extrema direita durante o início da pandemia da COVID-19, demonstrando as consonâncias destes entendimentos expressos na plataforma com a Política Externa do governo Jair Bolsonaro (2019-2020). Para tanto, apresentamos, a seguir, os conceitos e objetivos gerais da pesquisa, sua metodologia, nossa perspectiva sobre o que chamaremos aqui de Política Externa do governo Bolsonaro e, a seguir, os resultados da pesquisa e sua consequente discussão. A investigação foi realizada em fins de abril de 2020, após o chanceler brasileiro, Ernesto Araújo, postar em suas redes sociais o termo aqui pesquisado.

Latour (2004) ensina que o texto, a palavra e o discurso político não seguem a lógica retilínea e imediata da comunicação em tempo real, chamada *clickbait*, pela qual costuma ser julgada. Antes disto, o discurso político pauta-se pela formação circular na qual buscará unir as pessoas em torno de uma ideia que as faça sentirem-se ser/estar representadas, ao mesmo tempo em que preserva e glorifica sua autonomia por meio da sua individualidade moderada, uma vez que para reproduzir, continuamente, o grupo, deve-se prezar pela obediência/continuidade de seus integrantes.

As redes de desinformação *online* se estruturam por meio destas lógicas de formação e reagregamento (Latour, 2005) de grupos as quais configuram discursos e metanarrativas, que se dirigem a reforçar os vínculos entre seus membros de modo contínuo, em um movimento que, constantemente, reagrega indivíduos em um grupo coeso visando sua contínua articulação e pertencimento. Tal movimento mantém as relações entre indivíduos e suas redes de comunicação, estruturadas em hierarquias de sentidos, relevantes e hegemônicas, sobre as ferramentas epistêmicas pelas quais seus membros acessarão a realidade, a interpretarão, ou agirão sobre a mesma. Esta estrutura cíclica de fundação e refundação do coletivo (Latour, 2004) arma-se, hoje, em torno das chamadas desinformações, nelas mais do que compromisso com informar, há o compromisso com reforçar convicções de determinado grupo, preconceitos e idiosincrasias a respeito do real (Vasoughi et al., 2018).

O YouTube é um meio privilegiado por onde tal reprodução de desinformações e reagregamentos de grupos acontece. A plataforma privilegia conteúdos de tom extremo e seu algoritmo, o *Tensor Flow*, influencia que o usuário, ao encontrar um vídeo sobre determinado tema, entre em um fluxo contínuo de superexposição a determinado tópico (van Dijck, 2013). À vista disso, podemos destacar que os usuários do YouTube são agentes que também participam da opinião pública e, em relação a este debate, Carlos Faria (2008) argumenta que a opinião pública impacta a política externa brasileira (PEB) através de "interações" que se afetam mutuamente, pois as expectativas e anseios da

população têm passado a referenciar o debate e os jogos domésticos de interesses acerca das relações internacionais do país. A partir da contextualização do histórico caráter "insulado" do Itamaraty na formulação da PEB, o autor destaca indícios de maior porosidade presentes, hoje, no processo.

Há uma intensificação da mobilização de grupos de pressão e de organizações da sociedade civil na defesa de interesses específicos na PEB (Oliveira e Onuki, 2007). A globalização, a liberalização econômica e a "revolução" nos meios de comunicação têm ampliado a internacionalização da sociedade brasileira, o que reverbera na política externa que está mais imbricada, em função das mudanças nos padrões de impacto doméstico da PEB, o que geram custos e benefícios diversos aos diferentes segmentos sociais (Faria, 2008). Ademais, as interações entre a opinião pública e política externa vivem um período de grande vigor, na medida que está relacionada à preocupação dos políticos com sua reeleição (Chan e Safran, 2006).

Encontramos tais traços, deste modo de comunicação, dentro dos sinais pelos quais o governo brasileiro reforça suas redes de apoio, sobretudo, por meio da Internet. Tal simbiose entre o bolsonarismo e a Internet vem sendo estudada pelos mais diversos grupos de pesquisadores. O artigo se insere nessas tentativas de compreensão, nele, buscamos:

- Cartografar os resultados de busca dos termos Comuna Vírus no YouTube.

A partir desta cartografia, orientada pelas etapas descritas por Venturini (2010) e realizada por meio da combinação da análise de conteúdo (Bardin, 2010) com a análise de similitude, poderemos:

- Apresentar as "interações" entre a Política Externa Brasileira e a opinião pública, majoritariamente formulada nas redes sociais digitais e que visa ao contínuo reagregamento das bases de apoio de Bolsonaro.

- Demonstrar as consonâncias entre: a atuação do Presidente e sua Política Externa e conteúdos de cunho conspiratório vinculados no Youtube.

Levando esses objetivos em consideração, a cartografia das controvérsias tem como finalidade a composição de uma moldura, o qual segundo Venturini (2010b, p. 15-16) é composta por nove diferentes componentes que forneceram meios para visualizarmos as oposições de opinião dentro desse objeto, que é marcado pelo confronto entre agências individuais, as quais se expandem até às ideologias de nossos interlocutores. Desde tal moldura, poderemos traçar os sentidos das ideias presentes no *corpus* (Venturini, 2010), os conceitos relacionados ao conteúdo dos vídeos e comentários coletados, até os sentidos da Política Externa brasileira durante a crise mundial de saúde pública.

Tal abertura é possível, não só pelas possibilidades da cartografia latouriana, mas também pela abordagem aqui empregada para Análise de Política Externa (APE). A especificidade da APE está no foco em ações internacionais de unidades particulares. Dessa forma, ela se volta para os estudos de governos específicos, considerando seus determinantes (além de objetivos, tomadas de decisões e ações realizadas, conforme Pinheiro

e Salomón, 2013). No entanto, o estudo de Política Externa não pode ser confinado dentro de qualquer abordagem, pois requer pesquisas inter/multidisciplinares. Dessa forma, Tayfur (2014, p. 115) argumenta que o estudo da Política Externa pode ser examinado em diferentes níveis de análise e por diferentes perspectivas das ciências sociais, tentativa na qual a presente pesquisa se insere.

Salomón e Pinheiro (2013) argumentam que a APE não é necessariamente 'estadocêntrica', relegando um papel secundário a atores não-estatais e dinâmicas não protagonizadas pelo Estado na política internacional. Pelo contrário, a APE leva em consideração as unidades de decisão governamentais entre os variados atores dentro e fora das fronteiras que influenciam a formação e implementação da política externa. Ademais, os autores destacam a importância dos estudos, nas Relações Internacionais, de aspectos como influências, contextos e práticas sociais que incidem em todas as fases da política externa, desde a formação de agenda até a execução (Salomón e Pinheiro, 2013).

Sob a mesma ótica, Putnam (2010, p. 150) rompeu também com a tradição estadocêntrica nos estudos de Política Externa propondo a teoria dos jogos de dois níveis para explicar a relação entrelaçada entre política doméstica e as relações internacionais. Uma concepção mais adequada dos determinantes domésticos da política externa e das relações internacionais deve enfatizar a luta política: os partidos, as classes sociais, os grupos de interesse, os legisladores e, ainda, a opinião pública e as eleições, ampliando o escopo das análises e suas possibilidades interpretativas. Sendo assim, esta será a lente teórica pela qual enxergamos a política externa no presente artigo. Nesse sentido, discutiremos sobre o como foi executada a pesquisa, ocupados em descrever a formação do *corpus* e, posteriormente, demonstrar seus resultados e análise nele empregada.

Metodologia

Por meio da linguagem de programação Python e da API V3 do Youtube foram coletados os resultados relacionados aos termos "comunavírus" e "comuna vírus" no dia 29 de abril de 2020. De ambos os termos, um total de 76 vídeos foram levantados na ocasião, sendo 32 no primeiro e 44 no segundo, respectivamente. Deste total, 11 vídeos foram descartados por estarem no idioma espanhol. Dos vídeos restantes, os vinculados aos termos "comuna vírus" tinham o maior conjunto de comentários e engajamento, de modo que foram elencados como amostra para o presente artigo, o conjunto é composto de 34 vídeos e de 555 comentários, os quais constituem o *corpus* analisado.

Para análise do *corpus* foram empregadas técnicas tanto qualitativas, quanto quantitativas. De um modo geral, buscamos cartografar, conforme os passos indicados por Venturini (2010a, 2010b) as controvérsias presentes em torno do termo. O artigo fornece uma estrutura que demonstra, desde uma narrativa cronológica, as diversas formações de grupo presentes dentro desse *corpus*, as quais se expressam, primordialmente, por meio

dos macros sentidos atribuídos por nossos atores aos elementos relacionados à pandemia e ao cenário político nacional e internacional, contemporâneos a suas falas.

Os vídeos foram analisados de modo a resultarem em molduras que demarcam sua formatação, seu enredo, destacando as (des)informações entregues pelos conteúdos audiovisuais, ademais, sua interpretação produzirá também encaixes sobre seu público-alvo dentro de uma dinâmica de formação de comunidades de sentido. Para tanto, as molduras foram organizadas em duas grandes partes, a primeira se referindo aos seus aspectos visuais e descrição fornecida pelo canal, a segunda vinculada ao seu enredo e a tentativa de encaixá-lo a um referencial de codificação. Fica clara a opção por compreender os objetos audiovisuais como *textos*, na célebre concepção do termo, cunhada por Barthes (1977).

Ao dispor de todos os vídeos, procedemos a construção das molduras com seus conteúdos sintéticos (nos casos dos vídeos mais curtos ou que eram *snippets* de vídeos de terceiros) ou a transcrição de suas legendas (quando essencialmente narrativos ou descritivos), criando assim o chamado Repositório de Documentos. A partir desse material, demos início à Análise de Conteúdo (Bardin, 2010) com vistas a reduzir as opiniões contidas dentro do *corpus* a conceitos-chave, de modo a facilitar seu mapeamento e permitir o surgimento do Glossário de termos não-controverosos.

De posse do Glossário de termos não-controverosos, operou-se análise de similitude, a qual consistiu em sistematicamente destacar os termos que ensejam controvérsia de sentido dentro do *corpus*, a partir dos que tiveram maior ocorrência na análise de conteúdo aplicada ao Repositório. A partir destes levantamentos, com auxílio do software *Iramuteq*, procedeu-se o grafar da análise de similitude dos principais termos controverosos. A partir do momento em que as relações entre conceitos, e suas ocorrências, tornou-se mais clara, a controvérsia começou a ser delineada.

Foram, assim, atingidas as seguintes dimensões da cartografia da controvérsia: o Repositório de Documentos, que agrupa todas as molduras coletadas em um único arquivo, o qual gerou o Diagrama de Ator-redes, expressa pelos gráficos gerados na análise de similitude elaborada a partir do software *Iramuteq*. Paralelamente, teremos também a Escala da Controvérsia e a Cronologia de Disputa representadas pelas linhas do tempo. Posteriormente ao Diagrama, temos a Árvore de Desacordos que expressa de modo qualitativo, a partir das falas presentes dentro do *corpus*, as principais caracterizações das oposições realçadas pelo Diagrama. A partir destes resultados, e com base na revisão bibliográfica das mais recentes análises de política externa de Jair Bolsonaro, foi possível contrastar os agrupamentos de nossos achados com a política externa do governo para explicar a formulação/execução de sua agenda política. Por fim, a Tabela de Cosmóvisões que sintetizará o exposto até então. Optamos por não dividir as etapas de modo rígido, uma vez que elas não se encontram disciplinadamente divididas, formando antes um conjunto que é apresentado a seguir como Resultados.

Com respeito ao *Iramuteq*, conforme Camargo e Justo (2016), trata-se de um software livre francês de análise de *corpus* textuais que equipa um viés quantitativo às análises qualitativas sendo empregado na criação de representações sociais, ou cognição social, dentro de um *corpus* textual. A análise de similitude, fornecida pelo *Iramuteq*, permite visualizarmos coocorrências entre determinado grupo de palavras, sendo que seus resultados gráficos nos demonstram indicações da conexão entre as palavras usadas dentro do nosso *corpus* textual por meio de chamadas comunidades de sentido. Em síntese, as comunidades de sentido, organizadas em torno de termos destacados, nos demonstram visualmente o modo como as oposições estão dispersas dentro desse todo de molduras e comentários coletados. Por fim, antes de nos debruçarmos sobre seus resultados, retomaremos as ferramentas epistemológicas que a Análise de Política Externa nos equipa para melhor compreensão dos nossos resultados.

Política Externa do governo Jair Bolsonaro

A eleição presidencial de 2018 mostrou que a vitória de Jair Bolsonaro traria rupturas políticas para o período, em relação à Política Externa, Burges e Bastos (2017) criticam a literatura que defende que a burocracia do Itamaraty seria responsável pela estabilidade da Política Externa Brasileira (PEB). Assim, baseando-se em evidências de cinco presidentes que ocuparam o Palácio do Planalto entre 1990 e 2015, os autores apontam que a liderança política presidencial é crucial para mudanças na política externa brasileira.

Como exemplo, Saraiva (2017) destaca o processo de impeachment de Dilma Rousseff em 2016 e a ascensão de Michel Temer (2016-2019), naquele contexto específico de instabilidade política e crise econômica, a mudança presidencial trouxe mudanças para a PEB como: a baixa proatividade; perspectiva pragmática com prioridade de curto prazo; o esvaziamento do comportamento político do Brasil na região; o afastamento da Venezuela, com sua expulsão do Mercosul, e a aproximação de blocos mais liberais, a exemplo da Aliança do Pacífico e da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A autora argumenta que o governo buscou, baseado em documentos lançados pela secretária geral da presidência, críticos às políticas externas dos governos do PT, diferenciar-se dos seus antecessores, o que desfez a crença no monopólio do Itamaraty e de uma política externa contínua, apoiada em falsos "interesses nacionais" (Saraiva, 2017).

Nesse sentido, Vidigal (2019) argumenta que a política externa de Bolsonaro segue muitos aspectos da política externa de Michel Temer, buscando uma política econômica liberal, de abertura a investimentos estrangeiros, com mudança de ênfase da China para os Estados Unidos, a preferência por relações bilaterais em detrimento do multilateralismo, o descaso com a integração sul-americana e a condenação do governo venezuelano. Assim,

o autor argumenta que o elemento principal da política externa do governo seria o alinhamento a Washington e o abandono das tradições de autonomia e de desenvolvimento do Itamaraty.

Saraiva e Costa Silva (2019) argumentam que existem duas abordagens na formulação de política externa de Bolsonaro, uma que defende uma política externa ideológica e outra que defende uma política externa pragmática, empregando os conceitos de Gardini (2011, p. 17). Para o autor, a política externa ideológica enfatiza "*principles and doctrinaire solutions over adaptability and the practical consequences of assertions and actions*". A compatibilidade entre os princípios dessa ideologia e a prática da política externa será o critério-chave para percepção interna de mérito do governo frente ao arcabouço ideológico ao qual se filia.

Em linha similar, Hirst e Maciel (2020) buscam desenhar um arcabouço multidimensional da política externa de Bolsonaro. Nesse sentido, os autores apontam que existem três pilares que sustentam o governo: 1) o "núcleo político ideológico", 2) o da "política econômica liberal-conservadora" e o 3) o complexo da "segurança e defesa" que se projetam sobre os níveis nacional, regional e internacional. No primeiro núcleo, a política externa transformou-se numa "caixa de ressonância dos parâmetros morais defendidos pelo novo governo", destacando que as mudanças na política externa ocorrem por "nutrir-se de uma narrativa de extrema direita, dinamizada e legitimada pela polarização político-ideológica", além disso, também pela "exaltação dos valores pátrios por via da mobilização popular e a comunicação através de redes sociais" (Hirst e Maciel, 2020, p.14). Sobre o segundo núcleo, sintetizam que se trata de uma orientação anti-estatista que fez desaparecer questões como autonomia e desenvolvimento, além de representar uma dimensão, em certo modo, pragmática. Já o terceiro núcleo seria expresso pela grande presença de militares no Poder Executivo, a presença desse núcleo converte-se em instrumento de fortalecimento das premissas ideológicas do Poder Executivo. Por fim, Hirst e Maciel (2020) argumentam que esses pilares se articulam no projeto de poder do governo, mas que não implicam em uma harmonia no interior do tripé.

Gardini (2011) conclui sinalizando que os compromissos dessa abordagem serão comprometidos com soluções de curto prazo, e visam beneficiar a um líder em especial (ou administração) em detrimento de um programa ou "*consistent national interest*" (2011, p. 17). Para Saraiva e Costa Silva (2019), a política externa ideológica descrita por Gardini (2011, p. 17) parte de um mapa cognitivo, este artigo tenta, a partir da tabela de cosmovisões (Figura 7) cartografar este mapa ideológico formulado desde a perspectivas coletadas no *corpus*.

Em outra discussão, o artigo de Schutte et al. (2019) também argumenta que a política externa de Bolsonaro se dá a partir de uma disputa entre uma ala economicamente pragmática e uma ala "olavista", de orientação ideológica conservadora. Assim, a política externa seria usada para dialogar com a base eleitoral, principalmente "olavista", de Bolsonaro. Portanto, o discurso da ala "olavista" não carece de realidade, pois existe

verde, verde escuro e rosa – em oposição de pólos internacionais – o pólo azul, roxo e amarelo. No plano nacional, destacam-se as palavras "Brasil", "corrupção", "país", "Bolsonaro", "governo", "presidente" e "manifestação". No plano internacional, as palavras "vírus", "mundo", "China" se destacam. Essa complexidade se explica através das relações diluídas entre o doméstico e o internacional, sendo a opinião pública parte desse processo que interage com a política externa (Faria, 2008) e, também, pelo entrelaçamento entre questões nacionais e internacionais como argumenta Putnam (2010) em seu jogo de dois níveis.

A pandemia, assim, é claramente um tema que afeta não só aos Estados e, por conseguinte, suas dinâmicas e processos internos, mas afeta a todo o sistema internacional, o que abrange a discussão do tema para além da política nacional, influenciando a formulação de política externa do governo, já que, agora, essa política externa passa a ser politizada e discutida, como demonstra o *corpus*. Nessa lógica, a Figura aponta como temas discutidos por grupos de interesse, que seriam a base eleitoral de Bolsonaro, como "comunismo", "igreja", "Lula", "democracia" estão relacionados à política nacional, os quais interagem (Faria, 2008), e baseia a opinião pública sobre a questão internacional, nesse caso, em relação ao coronavírus, como apontam as palavras "China", "Rússia", "França" e "Trump". As comunidades de sentido dentro do *corpus* interagem, o que reforça ideias sobre a política externa do governo discutidas anteriormente, sendo que palavras majoritárias de temas nacionais e internacionais, embora conectadas, estão separadas por grupos.

Apesar de existir uma separação entre os pólos majoritários com palavras nacionais ou internacionais, a diluição e o entrelaçamento entre tais ideias explicitam o fim da exclusividade da burocracia do Itamaraty sobre a formulação e execução da política externa brasileira, que era apontada como o ator responsável pela estabilidade da PEB ao longo dos anos, o que explica as radicais transformações na área, fomentadas pelo atual governo. Nesse sentido, os resultados da cartografia confirmam a porosidade que a política externa vive, já que, não só a política nacional é debatida e amplamente difundida nos canais de YouTube analisados, mas também a própria política externa. Portanto, ao mesmo tempo em que esses grupos participam ativamente do debate da política internacional, o presidente passa a fazer acenos para mobilizá-los como argumenta Schuttet et al. (2019) e destacam Hirst e Maciel (2020), ao utilizar da PEB como caixa de ressonância para parâmetros morais.

Ao mesmo tempo, podemos visualizar diferentes comunidades de sentidos que representam os três pilares de sustentação do governo (Hirst e Maciel, 2020), que estão entrelaçados com palavras da agenda nacional, regional e internacional. Assim, palavras como "deus", "ideologia", "gênero", "Ernesto" entre outras apresentam elo com o núcleo ideológico, enquanto outras ideias como "mercado", "economia", "bolsa", "Guedes" vinculam-se com o núcleo liberal-conservador e, por fim, palavras como "exército" e "ordem" ao complexo de segurança. Em resumo, é possível ver grande ocorrência dos atores importantes dos três pilares do governo como "Ernesto", "Guedes" e "exército", além

de palavras como "carnaval", "Venezuela" e "mundo", que se vinculam a temas de agenda nacional, regional e internacional, respectivamente, todas imbricadas e relacionadas. Portanto, apesar de não ser possível demonstrar o sentido e o grau de influência entre a opinião pública, em especial os grupos aqui estudados, e a política externa de Bolsonaro, não restam dúvidas que existe uma forte relação e, possivelmente, sustentação da agenda política de Bolsonaro a partir desses grupos, que, mais uma vez, explica as radicais mudanças que ocorreram na PEB nos primeiros dois anos de governo. Nesse sentido, é importante citar a revelação, a partir de inquérito aberto pelo Supremo Tribunal Federal, que destaca a ligação entre canais conspiratórios no YouTube, que recebem dinheiro e informações privilegiadas do Palácio do Planalto, com Jair Bolsonaro (iG Último Segundo, 2020).

Esse desdobrar dos pólos demonstrados pela análise de similitude fica melhor visualizado quando a linha do tempo dos vídeos é sobreposta a cronologia de eventos e às manifestações de figuras públicas. Com tal sobreposição, podemos perceber o modo como os vídeos, prévios à 15 de março, configuram um todo que se dirige ao suporte às manifestações pró-Bolsonaro marcadas na data.



Figura 2 – Primeiro trecho da Linha do Tempo (Figure 2 – First Timeline frame)

Fonte: Os Autores (2020)

A controvérsia em torno das manifestações foi lançada na ocasião do dia 28 de fevereiro de 2020, quando a jornalista Vera Magalhães divulga o vídeo, compartilhado pelo Presidente em grupos de WhatsApp, em apoio a manifestações e com conteúdo contrário a instituições como o Congresso e o STF, conforme divulgado pela TV Cultura (2020) e o jornal o Estado de São Paulo (2020). Segundo canal Movimento Brasil Conservador (YouTube, 2020), as manifestações não foram "contra a instituição congresso", e sim "contra os canalhas que estão fazendo o que estão fazendo dentro da instituição congresso nacional", eles ainda não são "contra o STF", antes disso são "contra o que estão fazendo no STF". Para o canal, há uma tênue diferença.

Posteriormente, teremos as manifestações do filho do Presidente da República, que é presidente da Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional (CREDN) da Câmara dos Deputados, o deputado Eduardo Bolsonaro, responsabilizando o governo chinês pela propagação do vírus, o qual chama de vírus chinês, por meio de postagens no Twitter, além de repostar fio de tweets que responsabilizam o Partido Comunista Chinês pelo vírus (sem apresentar fatos). As postagens receberam duras respostas do perfil oficial da Embaixada da China no Brasil.

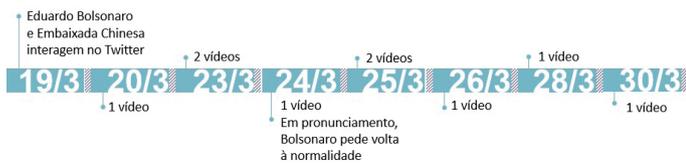


Figura 3 – Segundo trecho da Linha do Tempo (Figure 3 – Second Timeline Frame)
 Fonte: Os Autores (2020)

Segundo o canal Comuna Killers (YouTube, 2020), Eduardo Bolsonaro não é o governo brasileiro, mas ao responder suas mensagens, a Embaixada da China atacou o governo brasileiro. Para eles “você falar que o vírus é chinês porque veio da China, não é de forma nenhuma você insultar, ou atacar, o povo chinês, tá? Isso é ridículo, isso é criar uma narrativa”, pela reação do embaixador chinês a vontade é de “meter a mão na orelha desse ‘china’” (YouTube, 2020). Durante todo o vídeo em que o canal comenta o incidente, os narradores fazem uma transmissão ao vivo de partida do jogo World War Z, cujo enredo, segundo seu fabricante mostra “a humanidade está à beira da extinção” (Epic Games, sem data) com “o apocalipse zumbi”, inspirado no filme homônimo da Paramount Pictures, o qual, segundo o estúdio, desenvolve-se em meio aos esforços do personagem principal “em parar uma pandemia global”, antes que os contaminados por esta “destruam a civilização” (Paramount, sem data, tradução nossa).

No último período, os vídeos começam a se tornar mais espaçados, sendo os primeiros sobre críticas aos governadores e às medidas de isolamento social, motivadas pelos diversos acenos de Bolsonaro ao se posicionar contra o protagonismo dos governos locais durante o combate à pandemia. Já nos últimos, vemos aparecer críticas ao governo Bolsonaro e desdobramentos na imprensa do texto em blog pessoal e postagens no Twitter do chanceler Ernesto Araújo, nas quais Araújo chama atenção ao perigo do comuna vírus, termo, desta vez, empregado a pretexto de criticar livro recém lançado do filósofo Slavoj Žižek.



Figura 4 – Terceiro trecho da Linha do Tempo (Figure 4 – Third Timeline frame)
 Fonte: Os Autores (2020)

O contexto da coleta de vídeos, pelo qual Eduardo Bolsonaro relaciona o vírus à China, como demonstrado na Figura 3 e 4, comprova que existe uma mobilização da política externa para temas domésticos, como argumentam Schutte et al. (2019). Apesar da China ser o principal parceiro comercial do Brasil, tan-

to o Chanceler Ernesto Araújo, como o deputado Eduardo Bolsonaro, ambos pertencentes à ala “olavista” ou ideológica (Vidigal, 2019; Saraiva e Costa Silva, 2019) do governo, claramente não se importaram em defender as manifestações pró-governo e as críticas aos governadores e ao isolamento social. Mobilizaram seus seguidores para criticar aqueles que são vistos como os “culpados” pelo vírus, mesmo que esses ataques pudessem causar danos às relações com a China.

Desde esta divisão temporal, a disposição dos argumentos no gráfico abaixo (Figura 5) se torna mais clara. Ao aplicarmos o método de combinação simples à análise de conteúdo e selecionarmos apenas os termos diretamente relacionados à política externa presentes no *corpus* é possível ver que os termos elencados para caracterizar a unidade de sentido imaginada entre governo brasileiro e a ‘civilização judaico-cristã, ocidental e capitalista’ estão a flanquear este *Cerberus*: oriental, comunista e pandêmico.

Na Figura 5, podemos ver através do pólo verde palavras como “capitalista”, “econômico”, “Europa”, “religião” e “família”, ideias que baseiam diretamente a política externa de Bolsonaro como nacionalismo, política econômica liberal, defesa do ocidente e maior aproximação com os Estados Unidos de Trump (Vidigal, 2019; Saraiva e Costa Silva, 2019). Mais uma vez, enquanto no pólo azul da Figura 5 podemos visualizar palavras relacionadas à política nacional como “Brasil”, “governo”, “ma-

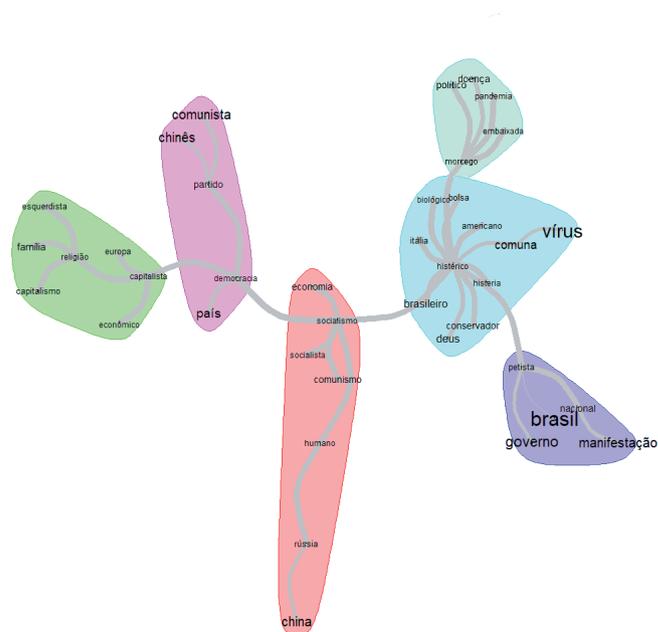


Figura 5 – Análise de Similitude 2 - Termos relacionados à Política Externa. (Figure 2 – Similitud' Analysis 2 – Foreign Policy related terms)
 Fonte: Os Autores, grafo Iramuteq, Score Simple Matching, *corpus* sem comentários (2020).

nifestação", "nacional". No pólo vermelho, podemos verificar temas internacionais que se relacionam como "Rússia", "China", "comunismo", "socialismo". Nesse ponto, cabe destacar que a Europa se separa da China e da Rússia, que estão em pólos diferentes, o que reforça o pensamento da política externa ideológica, principalmente através do chanceler Ernesto Araújo com as noções de globalismo e a separação deste com o Ocidente (Schutte et al., 2019).

Estes primeiros pólos, que vemos formar uma comunidade de sentido na Figura 1, são confirmados quando contrastamos nossos achados às interpretações apresentadas sobre a política externa do governo Jair Bolsonaro. Ambos demonstram uma unidade a insurgir-se contra esta tríade sino-comunista pandêmica, constante dentro do *corpus*. Em um dos vídeos, de tom mais crítico à militância mais extremada do chamado movimento conservador, o narrador no canal Herbert Passos Neto afirma "gente aí se achando o cavaleiro que vai salvar o Ocidente" (YouTube, 2020). O que está posto dentro do *corpus* como ameaça é um conjunto das três outras comunidades de sentido grafadas na Figura 5, o qual chamamos aqui de *Cerberus*, em uma clara referência ao cão que guarda as portas do submundo, ou melhor dito inferno, e está a atacar à civilização judaico-cristã ocidental de modo contínuo. Tentaremos a seguir caracterizá-lo a partir das falas presentes no próprio *corpus*.

Começamos pelo comunismo, o canal Augusto Almeida sentencia "muita gente fala" que o comunismo "não existe mais desde a queda do muro de Berlim", para o canal "o comunismo acabou? é mentira! não acabou, eles agem por baixo dos panos, estão infiltrados em tudo que é lugar que você possa imaginar". O canal Marxismos, em um dos últimos vídeos a ser postado, é de tom crítico ao governo e aos discursos de direita prevaletentes no *corpus*. O canal salienta que a ideia de comunismo funciona como um inimigo eterno, em referência ao Filme Nazista de 1940 sobre o povo judeu, "você tem que criar esse medo, né? Como foi criado na Alemanha, era um judeu errante, que ia tomar conta da Europa". Na avaliação dele, o apoio a Jair Bolsonaro se sustenta nessa ideia de vencer este inimigo eterno e que está em todo lugar, chamado comunista (YouTube, 2020).

O canal Comuna Killers destaca que "os chineses são mandados para os países para destruir os comércios locais com preços incompatíveis com o mercado, eles aceitam o prejuízo para quebrar a concorrência" (YouTube, 2020) posição não muito diferente do Judeu no imaginário alemão dos anos 1930. Além de só vender e "comer lixo" bem como vender pastel com "o recheio era uma porra branca parecia pastel de esperma aquela merda". Ademais do "maior contrabandista da 25 de março é chinês de mercadoria lixo, mercadoria merda". Uma vez que, segundo o canal Augusto Almeida, "o povo chinês" come "rã crua, comendo passarinho pegado direto do ninho, comendo escorpião, barata, gato assado no espeto, cachorro, morcego, tudo de nojento que você possa imaginar" (YouTube, 2020).

O parágrafo anterior nos mostra como essa segunda cabeça de cor rosa do *Cerberus* é lida pelo *corpus*, a ideia de oriental chinês enquanto sujo, genocida, perseguidor de cristãos e das

liberdades ocidentais, é também um inimigo sempre à espreita. Em diversas ocasiões a diferença descamba para a xenofobia, esta expressa em termos violentos, tal como nos discursos nacionalistas europeus contemporâneos (Caiani e Kröll, 2017). Encontramos ecos desse sentir-se superior quando, para minimizar o impacto do coronavírus, o canal Matheus Dominguez descreve as fragilidades dos "asiáticos" que "têm uma enzima no pulmão que deixa ele[s] mais sensíveis ao vírus". O canal Comuna Killers é categórico ao afirmar que "mandei mensagem pra China que talvez eles tenham esquecido, que [eles] são o maior assassino da história da humanidade, genocidas, covardes, perseguidores de cristãos e inimigos do gênero humano, esses caras são piores do que os nazistas, mas muito piores" (YouTube, 2020).

Do ódio ao dito comunista, atrelado ao ódio ao asqueroso oriental se soma o componente pandêmico (a cabeça azul). Dentro do *corpus*, o vírus é uma ameaça real e politizada, parte de uma "arma biológica montada para causar o que tá causando" (Comuna Killers, YouTube, 2020) planejada pela China comunista, que veio disseminar um vírus no mundo que converte as pessoas contaminadas à esquerda do espectro político. Segundo o canal Movimento Brasil conservador, "há um vírus muito mais importante é letal para combater que é o comuna vírus – esse sim é letal, é gravíssimo, o corona vai passar e vai dar tudo certo, já o comuna vírus tá aí [há] muito tempo e tá difícil acabar com essa porcaria" (YouTube, 2020).

Já para o canal Comuna Killers a guerra biológica é uma hipótese real, uma vez que o vírus "foi criado" pela "própria China para derrubar [a] economia mundial", o canal segue afirmando que "É um vírus chinês e digo mais, criado em laboratório para comprometer a economia global, comprometer a reeleição do Donald Trump e afetar o avanço conservador no mundo. Isso aí é óbvio". Para além desta intenção há também o fato de o vírus ter sido "criado por encomenda, não só para isso, mas para matar os idosos e ditos indesejáveis. Esse vírus está para os chineses como o Zyklon B estava para Adolf Hitler. Lógico, quem não sabe disso?" (YouTube, 2020).

Quando juntas, o chinês torna-se "sujo" e "fraco" por conta do comunismo "maldito que inventou todas as pestes e desgraças do mundo". O canal Antônio Almeida coloca que "o povo adquiriu um vírus através de um morcego. É por causa do governo comunista, que fez o povo passar fome a ponto de terem que comer um morcego" (YouTube, 2020). O canal Virginia Barreto descreve a ameaça que está posta ao país, para ele "existe um plano maligno para afundar o Brasil, vão querer colocar o Brasil lá na lona". Assim, quando "o Brasil quebrar, a economia vai lá pra baixo, aí um país rico, um país comunista, vai lá e compra tudo e aí pronto, aí finca as garras aqui no Brasil". A ameaça desse *Cerberus* aqui descrito está disseminada há anos, para o canal Wil Ferreira, aquele "já tomou conta do Senado, tomou conta do Judiciário, que tomou conta do Executivo por tanto tempo. Essa é a verdade, nosso país está contaminado e, por muito pouco, ele não foi jogado no lamaçal que a Venezuela se tornou" (YouTube, 2020) graças a interferência dele e de outros heróis do "povo", os quais se articulam em torno dessa invenção chamada nação (Anderson,

2005). Mas, como perguntou o canal Virginia Barreto “quem será o nosso salvador da pátria?” (YouTube, 2020).

Schutte et al. (2019) apontam o papel de Olavo de Carvalho na política externa brasileira, em especial quando ele argumenta que a legitimidade e a estabilidade do governo dependem de um projeto político puramente conservador, voltado aos eleitores. Tal projeto, conforme nosso *corpus* argumenta, desenvolver-se-á em uma guerra cultural de anos, na qual o governo Bolsonaro é visto como o primeiro passo. Tal situação entre enfrentamento, no agora e no longo prazo, desdobra-se em uma tensão entre os militantes, gerando atritos narrados pelo canal Herbert Passos Neto (YouTube, 2020). Esse projeto teria como objetivo: combater o chamado globalismo que é um conjunto de metafísicas universalizantes, que suprime as emoções e as experiências individuais, promove a destruição do cristianismo e atenta contra a soberania cultural dos países e dos cidadãos ocidentais (Schutte et al., 2019).

Ademais, cabe destacar que todas as palavras que se relacionam com as relações internacionais do Brasil na Figura 5 são “Europa”, “chinês”, “China”, “Rússia”, “Itália” e “americano”. Nesse sentido, é notável que tanto o contexto da pandemia do coronavírus, como o próprio sistema internacional, não pode ser discutido sem a importante inclusão das organizações internacionais, regionais e outros atores para além do Estado, mas que não aparecem em nenhum momento. Assim como no discurso destes grupos, Vidigal (2019) argumenta que a política externa de Bolsonaro diminui a importância do multilateralismo dando ênfase às relações bilaterais, assim como tem descaso pela integração sul-americana.

Além disso, para Ernesto Araújo, segundo Schutte et al. (2019), a ideia de mundo ocidental é fundada na identidade histórica e cultural, baseada na noção do nacionalismo e em valores cristãos. Essas relações de oposição também estão presentes nos comentários e vídeos postados por apoiadores de Bolsonaro. Podemos perceber certa centralidade na ideia de Brasil (verde) enquanto personagem principal a ser constantemente atacado pelo seu antagonista viral-comunista (vermelho). Ao lado do Brasil, que pela sua dimensão enquanto ideia de nação, no sentido experimental da nacionalidade (Grimson, 2007), é também uma ideia/conceito em disputa, há um núcleo mais duro e articulado no interesse de defender esta grande pátria à deriva, representado pelo próprio governo (azul). Tal dinâmica se torna evidente quando analisamos o conjunto de termos usados no *corpus* diretamente relacionados à formulação da política externa do governo Bolsonaro, representado na Figura 6.

Em relação à Figura 6, em primeiro lugar, três comunidades se apresentam: 1) “Brasil” (verde claro); 2) “governo” (lilás), 3) “vírus” / “mundo” (vermelho). Enquanto o “Brasil” e “governo” se relacionam com ideias da política doméstica, estas ainda se conectam com o sistema internacional representado pelo “mundo”, o “vírus”, que se relaciona com questões como a “economia”, “China”, “doença”, “marxismo”, entre outros. Interessante que, apesar da Figura 6 apontar muitas palavras que representam discussões em relação à pandemia e a economia, a questão

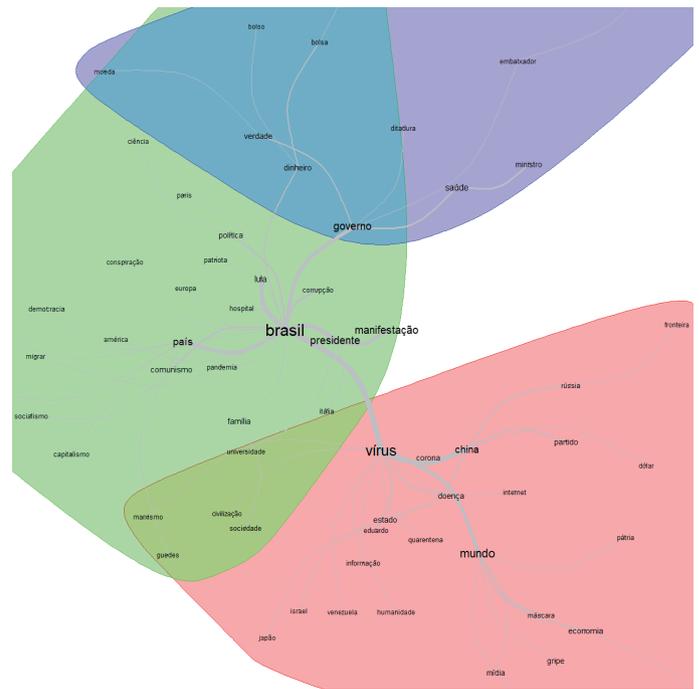


Figura 6 – Detalhe da análise de similitude termos elencados + comentários (Figure 6 – Similarity's Analysis Detail on chosen terms plus comments)

Fonte: Os Autores, grafo coocorrências Iramuteq, corpus com comentários (2020).

do desenvolvimento ou mesmo qualquer palavra relacionada à autonomia/liberdade não aparecem no debate, como apontam autores que mostram que essas questões desapareceram devido à polarização político-ideológica (Hirst e Maciel 2020).

Além de, mais uma vez, a questão da internacionalização da sociedade brasileira estar clara (Faria, 2008) pela diversidade de temas nacionais e internacionais interconectados na Figura 6, é possível observar o predomínio das palavras “Brasil”, “governo”, “manifestação”, “país”, “luta” e “presidente” em contraposição com o “mundo” e o “vírus”. Ademais, podemos observar que existe uma busca por diferenciação na política externa em relação aos antecessores que não estavam alinhados a “América”, mas ao “marxismo”, a “Venezuela” e a “China”. Dessa forma, a política externa e as palavras que representam comunidades de sentido apontam sintonia, tanto em relação às discussões de agenda política do governo Bolsonaro como, em grande parte, as polarizações que tais palavras representam, ora conectadas, ora separadas derivando da polarização política. Portanto, torna-se mais uma vez conclusivo que existe uma relação entre a política externa e os anseios e as aspirações ideológicas e culturais do seu eleitorado (Schutte et al, 2019).

Percebemos também que há uma dupla discursiva presente dentro do *corpus* que deixa claro a citada organização, conforme discutido por Schutte (et al., 2009). Contudo, vamos

além, entendemos os processos pelos quais as identidades, dentro dos discursos que dão suporte ao agrupamento político em torno do presidente e de suas políticas, estão fundadas em uma relação de oposição entre quatro arquétipos polarizados. Por um lado, temos um mundo organizado entre os chamados globalistas, os quais pretendem o controle de tudo e todos, por meio do governo mundial, opostos aos neoliberais que defendem a autonomia individual. De outro lado, a matriz ocidental, lida por eles enquanto cristã e avessa ao projeto iluminista, oposta a um oriente não-cristão e genocida. Sobre este conjunto estruturante de matrizes ideológicas, podemos compreender o modo como, macro politicamente, o *corpus* e a política externa do governo se encontram. Assim que, podemos, como um produto da investigação aqui desenvolvida, apresentar a Tabela das Cosmovisões encontradas dentro dessa comparação entre a política externa e o *corpus* textual coletado (Figura 7).

Em uma leitura geral do apresentado no *corpus*, nossos interlocutores creem ser heróis conservadores cristãos, aliados aos Estados Unidos de Donald Trump e a nação de Israel, enquanto a nação da qual o prometido messias governará quando retornar à Terra. Eles se percebem como guerreiros, que estão a lutar pelo Brasil contra a ameaça sino-comunista-pandêmica que já dominou o mundo todo, das instituições liberais ao "Rafael, primo do Dener, primo do Lucas, sobrinho da Eliane" segundo o canal 'Xa lala meus ovos comunistas' (YouTube, 2020).

Neste campo de batalha, tal grupo se insurge contra os ditos globalistas, os quais são entendidos, conforme a definição do Chanceler Ernesto Araújo (2017, p. 353), "como os padrões liberais antinacionais e antitradicionais na vida social e do mercado globalizado sem fronteiras na vida econômica" (2017, p. 353). Ou seja, há "coisas demais" as quais "se quer dar o nome de 'religiosas'" diria Geertz (2001, p. 51).

A tabela das cosmovisões (Figura 7), construída quando comparamos a ala ideológica da política externa do governo Jair Bolsonaro aos achados dentro de nosso *corpus* segue a prescrição de Venturini (2010b, p. 13) ela "should represent all tho-

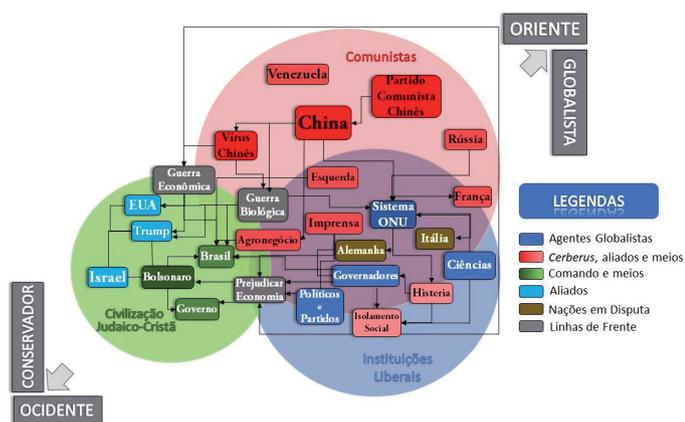


Figura 7 – Tabela de Cosmovisões (Figure 7 – Cosmovisions Table)
Fonte: Os autores (2020).

se involved in a controversy showing where cosmoeses diverge and where they may overlap" a fim de dar ênfase nos aspectos ideológicos que sustentam as interpretações sobre a questão representadas dentro do *corpus*. Conforme destacado, percebemos um conjunto de quatro pontos cardeais arquétipos organizados em duas oposições: Oriente-Occidente e Globalistas-Conservadores, com as entidades discursivas dispersas entre estas quatro concepções de si, e do outro, em plano ideológico.

No primeiro eixo, Oriente-Occidente, temos uma competição histórica entre esse ocidente cristão, puro, verdadeiro e um oriente herege, vil, corrompido e sujo. No segundo eixo, Globalista-Conservador, temos desde a leitura de um governo mundial comunista em um extremo, até a afirmação de Estados cristãos autônomos no outro. Sabemos, contudo, que nação é uma invenção (Anderson, 2005), que a civilização judaico-cristã, enquanto unidade, também é inventada a partir de um outro ponto, um oriente (Said, 1978) este último além de inventado, fantasiado. Nos parece óbvio que a estratégia empregada pelo discurso político aqui analisado, ao diminuir o conhecimento acadêmico, é também uma tentativa de afastar esses esclarecimentos da dimensão discursiva e performática de conceitos como: pátria, família, cristandade, nação, oriente, asiático, entre tantas outras, elencadas por nosso *corpus* como entidades reais, em um movimento parecido com o descrito por Pinker para descrever os modos de conceber a realidade de um contra-iluminista (Pinker, 2018).

A solução mais simples, para que as narrativas empregadas para formação de grupos (Latour, 2004) logrem aderência será a negação sistemática do discurso de estilo racional e direto, combinada ao emprego dessas entidades político-discursivas que agrupam indivíduos em torno de conceitos materializados apenas nesse movimento de (re)formação de grupo (Latour, 2005). Assim, nação, conservador, religioso e patriota fundam esta entidade que se insurge contra um feroz inimigo a ser combatido, "personificado" no comunista-oriental-globalista. Para que o discurso se mantenha forte, dentro dessa lógica argumentativa, torna-se necessário negar a ciência e a racionalidade de modo a não comprometer a contínua formação e coesão do grupo. Diante disto, em nossa tabela de cosmovisões (Figura 7), organizamos a seção instituições liberais enquanto conjunto à parte do conjunto comunista, mas que é por ele colonizado.

Dentro dessa estratégia, o presidente é essencialmente um super diplomata, (Borges e Bastos, 2017) podendo através da política externa manter seu apoio popular ou a coesão entre sua prática institucional e as dinâmicas demandadas pelo agrupamento político que está imerso. A conclusão óbvia é que a ideia de unidade dita 'conservadora' é maior que a do presidente, apesar do mesmo, ainda, ser visto como um porta-voz da mesma, por hora. Contudo, mesmo a alcunha de conservador que o presidente, e os seus simpatizantes, tentam carregar já foi demonstrada por Huntington, em 1957, como enganosa ao se referir ao presidente e às ideias que leva consigo.

Para se definirem enquanto 'conservadores', nossos reacionários interlocutores precisam reforçar as ideias de autonomia do indivíduo, religiosidade cristã e continuidade com uma tradição

européia. São estes os elementos-chave para construção dessa narrativa sobre o "quem somos" desse agrupamento autointitulado 'conservador' e que vão contribuir para que estes se identifiquem no quadrante Conservador-Ocidental da nossa tabela. O agrupamento, organizado em torno de uma negação, "não sou o vermelho", precisa de um inimigo que o ameace. Antes, o governo anterior, definido pelo chanceler Ernesto Araújo (2019) como a época em que o "marxismo cultural governava por dentro um sistema aparentemente liberal e democrático, construído por meio de corrupção, intimidação e controle de pensamento" fazia este papel. Agora que o inimigo interno foi superado, após as eleições (Almeida, 2019), o discurso e a prática de política externa do governo Bolsonaro viram-se para fora, numa dinâmica similar ao jogo de dois níveis descrito por Putnam (2010).

O humanista Edward Said (1978) ensina que os discursos de alteridade servem para a dominação do outro. A figura desse Oriente serve como um espelho distorcido do Ocidente. O Oriente se torna duplo, conforme Said e nosso *corpus*, ele ora é rico, exuberante, disciplinado, burocrático, planejado; ora será pobre, sujo, dissimulado, caótico, submisso e inferior. Teremos estas polaridades conflitantes, extremadas, utilizadas com interesses argumentativos visando a inferioridade de um diante da superioridade do outro. Expresso, por vezes, em uma visão reducionista, o "comer morcego nojento" (YouTube, 2020) enquanto esquece que, no mesmo dito Ocidente, também comemos, sabidamente nada saudáveis, alimentos ultraprocessados.

Temos, no discurso político analisado, um olhar que se diz judaico-cristão, mas na realidade se crê europeu, e que atribui grau de definição na diferença com os chamados não cristãos e, por conseguinte, não-europeus. Daí podemos fazer relação com as lições de Franz Fanon (1963), que coloca como o olhar colonizado transforma o mundo em uma maquete desenhada por meio de oposições binárias, nas quais se organiza uma contínua disputa entre bem e mal, em nosso *corpus* entre o sino-comunista pandêmico e o cristão-ocidental. O mundo está assim dividido de acordo com a raça (Fanon, 1963) segundo a qual você pertence, sendo a raça dos seguidores do discurso político analisado aquela que está vinculada aos escolhidos de Deus na Terra, os quais disputam com o guarda do inferno, o *Cerberus* de nosso *corpus*, o oriental, esquerdista e nojento, os destinos da nação brasileira.

Desdobrando a polaridade Conservador

Quando Stuart Mill (Mill e Cohen, 1961) definiu o partido conservador como partido estúpido, não por seus dirigentes e congressistas o serem, mas pelo fato do mesmo ser majoritariamente seguido por pessoas estúpidas, o célebre político, nos primórdios da democracia moderna, desenhou, incidentalmente, os modos como esses outramentos definem os agrupamentos pelos quais a política é operada. Estamos cientes de que o pensamento conservador, segundo Michael Oakeshott (1991), não cons-

titui uma ideologia. Porém, considerando a lição de Proudman (2005), não adotamos aqui uma postura "intelectualizada" ao negar validade ou unidade deste pensamento dito conservador, hoje, usado pelo governo em suas relações com a opinião pública e com o fazer de política externa.

Para Tombi (2004, p. 2 – tradução nossa) as "ideologias pertencem à uma abordagem racionalista da política, a qual leva a mesma política a um sistema teórico, abstrato, criado como um guia para a ação política", o que situa o constante argumento de "não ideológico" do governo Bolsonaro, uma vez que o conservadorismo não se percebe como uma ideologia, mas "mesmo que você seja um conservador (e não só em termos políticos), não há realmente uma ideologia que se possa chamar de conservadora" (2004, p. 3). Conforme Huntington (1957) existem três versões do pensamento dito conservador. A primeira é a versão aristocrática, a defender a nobreza e rejeitar a organização capitalista do trabalho e suas categorias como trabalhadores, comerciantes, burgueses, etc. Para o autor, essa primeira rejeição não encontra eco na sociedade estadunidense por se tratar de uma sociedade sem tantas marcas do feudal.

Porém, a associação entre bolsonaristas e monarquistas no *corpus* é frequente, sejam os comentários de canais monarquistas como o canal André Monarquista (no qual vemos a bandeira do Brasil império usada como pano de fundo), seja em referências visuais explícitas como em vídeo do canal Antonio Rocha TV no qual um boné com o emblema do Brasil império é posto, propositalmente, ao seu lado na transmissão ao vivo. Em termos macro-políticos, Huntington (1957, p. 455) associa essa primeira leitura do conservadorismo enquanto próximo a interesses ruralistas. O desmatamento recorde da Amazônia, a invasão de terras indígenas e a expansão da fronteira agrícola, apoiados pelo governo, demonstram como, em todos os aspectos, os ecos dessa versão estão presentes no governo Bolsonaro, assunto que transborda para a arena internacional devido às queimadas recorde na Amazônia.

Na segunda versão de conservadorismo, a preferida pelos ditos novos conservadores segundo Huntington (1957), identifica o conservadorismo enquanto conjunto autônomo de ideias definidas por meio de um "sistema universal de valores como justiça, ordem, balanço, moderação", cuja aderência independe de afiliações sociais, e está fundada na "vontade e inteligência" (1957, p. 456) individuais. Terá, assim, mais que um sentido de filosofia política, configurando "um conjunto de princípios não só vinculados a um conjunto de interesses de classe" (1957, p. 456), desta observamos a defesa de uma suposta autonomia individual encontrar seus ecos enquanto valor transversal e desejável na contemporaneidade. Contudo, a análise do *corpus* sugere que há uma ideologia a mover os 'conservadores' brasileiros agrupados no bolsonarismo quando argumentam por sua autonomia individual. Esta defesa desse 'valor transversal' e 'desejável por todos' é entendida como uma lógica de pensamento derivada de uma outra, a qual chamamos aqui de ideologia neoliberal (Lovink, 2019), advinda da própria dinâmica dos meios de comunicação contemporâneos.

Sabemos que a ideia de criação de comunidades dentro de plataformas como o YouTube é ilusória (van Dijck, 2018), respondendo apenas a manutenção da vinculação de espectadores ao emissor de conteúdo monetizável (Lovink, 2019). Entendemos também o YouTube como ator-rede dentro desse ambiente (Latour, 2005), produzindo sentidos e engajamento em torno de discursos cada vez mais extremados como uma lógica que valoriza, ou prioriza, sua própria maneira de se afirmar como 'meio' de comunicação preferido para os usuários vinculados a tais discursos extremistas ou conspiracionistas (van Dijck, 2013). Conforme Apprich (2017), a lógica subjacente ao organizar das plataformas, dentro dessa infraestrutura *online*, vem de uma tradição mais antiga. Fundadas no oeste dos Estados Unidos, estas companhias trouxeram consigo a lógica de um oeste como espaço de fuga, onde se pretende estar para além do Estado centralizado, burocrático e de suas interferências. Desde essa tradição, chegamos as interfaces *online* e a internet enquanto experiência desregulada, no presente, permeadas pelas dinâmicas típicas do neoliberalismo, em que se "deixa" a organização das novas "infra estruturas comunicativas para os agentes privados" a fim de que os próprios indivíduos sem a "interferência alienante do Estado" (Apprich, 2017) aloquem prioridades e possam construir meios de interação e sociabilidade no novo espaço em rede mundial de dispositivos digitais.

Apprich (2017) aponta, hoje, a óbvia colonização das plataformas privadas e o reduzido poder individual dos usuários dentro da rede de computadores. Contudo, desde o ponto de vista da propaganda corporativa dessas plataformas, a Internet, como está organizada no Ocidente, é ainda espaço sinônimo de liberdade. O canal Comuna Killers (YouTube, 2020) aponta a internet ocidental enquanto sinônimo de liberdade ao atacar a internet chinesa por estar regulada, por ser monitorada pelo Estado. A questão subjacente é que, em ambos os extremos desse espectro, não há de fato liberdade individual *online*. Mas, movidos pela propaganda das grandes plataformas, conforme descrito anteriormente, os movimentos 'conservadores' trazem para suas dinâmicas de agrupamento a busca por essa liberdade que acreditam ver no ambiente *online* resgatada.

As regulamentações do Estado e dos Organismos Internacionais, fundamentadas por meio das "metafísicas universalizantes do globalismo" descritas por Olavo de Carvalho (2019), nada mais são do que qualquer tentativa de regulação aos sistemas de liberdade que acreditam ter os movimentos ditos 'conservadores'. Assim o percebem, visando descaracterizar o sentido de público, buscando uma restauração deste a partir de suas interpretações a respeito da elaborada propaganda das plataformas *online*, nas quais se agrupam, combinada à interpretação de serem os donos dessa terra detendo a potência de expandir a fronteira agrícola às custas de quem se insurgir. Tal leitura casa com a terceira versão do conservadorismo formulada por Huntington (1957), no qual este será o sistema de ideias empregadas para justificar qualquer ordem social estabelecida, "não importando onde ou quando tenha existido, contra qualquer ameaça fundamental à sua natureza ou existência, não importando em que proporção" (Huntington, 1957, p. 457).

Podemos encontrar na experiência recente brasileira elementos que concordam com os componentes maiores do credo conservador, conforme Huntington (1957, p. 459), principalmente a leitura do homem como animal religioso, sendo a religião a fundação da sociedade; além do emprego da "prudência, preconceito, experiência e hábito" como guias melhores que "a razão, lógica, abstrata e metafísica" já que para eles "a verdade não existe em proposições universais, mas na experiência concreta" (1957, p. 460 – tradução nossa).

Huntington sentencia: "radicalismo e conservadorismo são ambas atitudes direcionadas às instituições e não uma configuração particular de ideais" (1957, p. 460 – tradução nossa). Assim, "conservadorismo e radicalismo derivam de uma orientação para os processos de mudança mais do que uma direção de propósito nesses processos de mudanças" (1957, p. 460 – tradução nossa). A diferença fundamental entre o que teoricamente chamamos de conservadores e reacionários, segundo Huntington (1957), será que os primeiros se levantam apenas no momento em que mudanças tomam corpo. Já os reacionários serão os conservadores que "não tem sucesso em manter o *status quo* institucional" (1957, p. 460). Este, tal qual a leitura que fazemos aqui do bolsonaristas, será um "crítico da sociedade" que deseja "recriar no futuro um ideal que ele acredita ter regulado o passado" (1957, p. 460 – tradução nossa). Por isto, os "discursos dos anos 1950 sobre os comunistas" conforme o canal Rede TVT (YouTube, 2020). Os apelos ao progresso do país pelo avanço sobre a floresta Amazônica, tal qual nos regimes ditatoriais dos anos 1960 a 1980, e a consequente negação da crise ambiental, além das sinalizações pró-monarquia de parte da base de apoio ao bolsonarismo. Para Huntington, uma vez que o sentido da história é linear e toda mudança tem suas consequências que redefinem o *status quo*, "conforme o tempo passar o ideal reacionário vai se tornar menos e menos vinculado a qualquer sociedade de fato existente no passado" (1957, p. 460 – tradução nossa). O passado será romantizado, nessa lógica argumentativa de formação de grupo até ser idealizado como uma "era dourada" a qual nunca existiu de fato.

Talvez a conexão mais importante dessa dissociação entre passado histórico e passado idealizado como uma "era dourada" tenha se dado nas primeiras frases do primeiro vídeo do *corpus*, lançadas pelo canal Movimento Brasil Conservador. Nestas, afirma-se que bicheiros e traficantes foram homenageados no desfile das escolas de samba do carnaval carioca, com destaque até para o 'capeta', além da 'imagem de Jesus vilipendiada'. O "carnaval do Brasil virou uma coisa intragável carnaval que outrora era tão divertido era uma festa" (YouTube, 2020). A secular tradição popular brasileira, que por meio da sátira questiona elementos sociopolíticos e culturais brasileiros, supostamente, perdeu a graça e se tornou espaço de "lacrção ou putaria", oposto a um suposto passado glorioso, "hoje não tem mais nada, hoje você vai para o lugar ou você vai ver putaria, ou você vai ver lacração, ou mimimi, é o que você vai ver no carnaval do Brasil" (YouTube, 2020).

Considerações Finais

A partir da plataforma social YouTube buscamos alcançar as etapas elencadas pela cartografia de controvérsias (Venturini, 2010a, 2010b) típica da metodologia proposta pela teoria do Ator-Rede (Latour, 2005) assim procuramos: 1. Identificar: Sujeitos; Actantes; Agências; e Objetos; 2. rastrear contextos, a partir deles se definir estruturas e atribuir macro sentidos. Em uma dinâmica de movimento que nos levasse dos pequenos atores, comentários e vídeos isolados até seus ecos na política externa e nas visões que identificamos como partes das mesmas empregadas para mobilizar as bases "olavistas" do governo Jair Bolsonaro e seus grupos populares de apoio.

No que diz respeito às interações entre a PEB de Bolsonaro e a opinião pública, sobretudo formulada por meio de plataformas, questões como a diluição entre o doméstico e o internacional e o fim da burocracia insulada (Faria, 2008) podem ser vistas nos resultados, que ajudam a explicar as mudanças radicais do momento, já que a política externa é politizada e debatida por outros grupos de interesses fora do Itamaraty. Ademais, o entrelaçamento entre temas de política nacional com de internacional mostram o nível da polarização político-partidária (Saraiva, 2017), além do uso da política externa como instrumentalização desses grupos para fortalecimento da política nacional (Schutte et. al, 2019).

Dessa forma, o artigo demonstra o modo como se encontram e se apoiam discursos reacionários dentro do *corpus* com as práticas e concepções observadas na execução da política externa do governo Bolsonaro. Durante o período analisado, uma pandemia global, podemos perceber como esta, e o vírus causador da mesma, têm seus sentidos apropriados pela dinâmica de formação desse grupo reacionário de suporte ao presidente que privilegia desinformar e fantasiar a respeito das origens do vírus e, num movimento contra-iluminista (Pinker, 2018) atribuir sentimentos, motivações e personalidade ao mesmo.

No que diz respeito à política externa, percebemos como, sobretudo nos textos do chanceler, esse caráter fantasioso e performático da política internacional encontra respaldo, em um movimento que contribui para a formação de grupo aqui estudado. Ao final, concluímos que o uso das plataformas digitais não é tão neutro quanto os usuários da mesma pensam ser. Nesse mesmo sentido, Farias (2009) destaca os poucos trabalhos sobre opinião pública e os reflexos para a política externa, tendo esse trabalho buscado apontar os ecos existentes desta através do *corpus* na política externa de Bolsonaro. O operar dessas lógicas dentro dos dispositivos digitais têm um objetivo além desse agrupamento reacionário, o qual já era antevisto mesmo por Deleuze e Guatarri (2004). Elucidar as dimensões que essa ideologia, que transforma o público e a individualidade em mercadorias, trará para os processos de agrupamento políticos no futuro é ainda uma tarefa em aberto, que o presente artigo buscou contribuir.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, R. 2019. Bolsonaro Presidente: Conservadorismo, Evangelismo e a Crise Brasileira. *Novos estudos CEBRAP*, São Paulo, 38(1): p. 185-213. DOI: <http://doi.org/10.25091/s01013300201900010010>
- ANDERSON, B. 2005. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Difusão da Nação*. ed. 5. Lisboa, Edições 70. 266p.
- APPRICH, C. 2017. *Technotopia: A Media Genealogy of Net Cultures*. ed. 1. London, Rowman & Littlefield. 211p.
- ARAÚJO, E. 2017. Trump e o Ocidente. *In: FUNAG. Cadernos de Política Exterior*, Brasília, 3(6): p. 323-357. 484p.
- BARDIN, L. 2010. *Análise de conteúdo*. ed. 8. Lisboa, Edições 70. 232p.
- BARTHES, R.; HEATH, S. 1977. *Image, music, text*. ed. 1. New York, Hill and Wang. 220p.
- BURGES W. S.; BASTOS, F. G. 2017. The importance of presidential leadership for Brazilian foreign policy. *Policy Studies*, New York, 38(3): p. 277-290. DOI: <https://doi.org/10.1080/01442872.2017.1290228>
- CAIANI, M.; KRÖLL, P. 2017. Nationalism and Populism in Radical Right Discourses in Italy and Germany. *Javnost - The Public*, Rome, 24(1): p. 1-19. DOI: <https://doi.org/10.1080/13183222.2017.1330084>
- CAMARGO, B.; JUSTO, A. 2016. Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ. Florianópolis, UFSC. Disponível em: <<http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>> Acesso 28/05/2020.
- CARVALHO, O. 2019. Olavo de Carvalho sobre os três projetos globalistas existentes e fontes intelectuais remotas. *In: Youtube*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=R-wxblFWWbY>> Acesso em 28/05/2020.
- CASON W., J.; POWER J., T. 2009. Presidentialization, Pluralization, and the Rollback of Itamaraty: Explaining Change in Brazilian Foreign Policy Making in the Cardoso-Lula Era. *International Political Science Review*, New York, 30(2): p. 117-140. DOI: <https://doi.org/10.2307/25652895>
- CHAN, S.; SAFRAN, W. 2006. Public opinion as a constraint against war: democracies' responses to Operation Iraqi Freedom. *Foreign Policy Analysis*, 2: p. 137-156. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1743-8594.2006.00024.x>
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 2004. *A thousand plateaus: Capitalism and schizophrenia*. ed 8. London, Continuum. 716p.
- EPIC GAMES. Sem data. Descrição do produto World War Z. Disponível em <<https://www.epicgames.com/store/pt-BR/product/world-war-z/home>> Acesso 28/05/2020.
- ESTADÃO. 2020. Vera Magalhães desmente ataques pessoais feitos por Jair Bolsonaro. O Estado de São Paulo, YouTube, 28 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6amfBHeSRY4>> Acesso em 28/05/2020.
- FANON, F. 1963. *The wretched of the earth*. ed 1. New York, Grove Press. 328p.
- FARIA, C. 2008. Opinião pública e Política Externa: Insulamento, politização e reforma na produção da política exterior do Brasil. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 51(2): p. 80-97. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-73292008000200006>
- GARDINI, G. L. 2011. *Latin American Foreign Policies: Between Ideology and Pragmatism*. ed. 1. New York, Palgrave Macmillan. 275p.
- GEERTZ, C. 2011. *Nova luz sobre a antropologia*. ed. 3. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 248p.
- GRIMSON, A. (ed.). 2007. *Pasiones Nacionales, política y cultura en Brasil y Argentina*. Buenos Aires, Edhasa. 634p.
- HUNTINGTON, S. P. 1957. Conservatism as an Ideology. *The American Political Science Review*, Boston, 51(2): p. 454-473. DOI: <https://doi.org/10.2307/1952202>

- HIRST, M.; MACIEL, T. 2020. O Tripé da Política Externa Brasileira no governo Bolsonaro. In: OPSA. *Boletim OPSA*. 2020. Rio de Janeiro. 3: p. 6-16. Disponível em: <http://opsa.com.br/wp-content/uploads/2017/01/Boletim_OPSA_2020_n3-jul-set-2020.pdf>. Acesso em 12/12/2020.
- IG ÚLTIMO SEGUNDO. 2020. Youtubers bolsonaristas lucram R\$ 100 mil mensais com informações do governo. Brasília, 04 Dec. 2020. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2020-12-04/youtubers-bolsonaristas-lucram-r-100-mil-por-mes-com-informacoes-do-governo.html>>. Acesso em 11/12/2020.
- LOVINK, G. 2019. *Sad by Design: On Platform Nihilism*. ed. 1. London, Pluto Press. 192p.
- LATOUR, B. 2004. Se falássemos um pouco de política?. *Revista Política e Sociedade*. 3(4) p. 42-57.
- _____. 2005. *Reagregando o social*. ed. 1. Rio de Janeiro, Companhia das Letras. 312p.
- MÁNDI, T. 2004. *Conservatism as an Ideology Revisited: The Case of Neoconservatism*. ECPR. Disponível em: <ecpr.eu/Filestore/PaperProposal/6b4bc0ac-ee74-475c-b794-55e591dedc8d.pdf> Acesso em 28 de mai. 2020.
- MILL, J. S.; COHEN, M. 1961. *The philosophy of John Stuart Mill: Ethical, political, and religious*. ed. 1. New York, Modern Library / Random House. 530p.
- OAKESHOTT, M. 1991. *Rationalism in politics and other essays*. ed. 1. Indianapolis, Liberty Press. 333p.
- OLIVEIRA, A.; ONUKI, J. 2007. Grupos de interesses e a política comercial brasileira: a atuação na arena legislativa. *Papéis Legislativos*, 8: p. 1-20. Disponível em: <http://observatorio.iuperj.br/pdfs/12_papeislegislativos_PL_n_8_dez_2007.pdf>. Acesso em 28/05/2020.
- PARAMOUNT. Sem data. *Descrição filme World War Z*. Paramount Studio. Disponível em <<https://www.paramount.com/movies/world-war-z>> Acesso em 28/05/2020.
- PINKER, S. 2018. *Enlightenment Now: The case for reason, science, humanism, and progress*. ed. 1. New York, Viking. 576p.
- PUTNAM, R.D. 2010. Diplomacia e Política Doméstica: A Lógica dos Jogos de Dois Níveis. *Sociologia Política*, Curitiba, 18(36): p. 146-174, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200010>
- PROUDMAN, M. F. 2005. 'The stupid party': Intellectual repute as a category of ideological analysis. *Journal of Political Ideologies*, London, 10(2): p. 199-217. DOI: <https://doi.org/10.1080/13569310500097398>
- SAID, E. W. *Orientalism*. New York: Pantheon Books, 1978. 368p.
- SALOMÓN, M.; PINHEIRO, L. 2013. Análise de Política Externa e Política Externa Brasileira: trajetória, desafios e possibilidades de um campo de estudo. *Revista Brasileira de Política Internacional*, São Paulo, 56(1): p. 40-59. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-73292013000100003>
- SARAIVA, M. 2017. Política Externa Brasileira 2016/2017 – Da Reversão ao Declínio. In: REVEZ, L.; LUZURIAGA, W. (org.), *Anuário Política Internacional & Política Exterior 2016 & 2017: Sacudones ciudadanos, rupturas Del mundo anglo-sajón e incertidumbres globales*. Montevideo, Udelar FCS, p. 283-290. 322p.
- SARAIVA, M.; SILVA, A. 2019. Ideologia e pragmatismo na política externa de Jair Bolsonaro. *Relações Internacionais (R-I)*, online, 64(1): p. 117-137. DOI: <http://doi.org/10.23906/ri2019.64a08>
- SCHUTTE, G.; FONSECA, B.; CARNEIRO, G. 2019. Jogo de Dois Níveis Voltado ao Eleitorado: Uma Análise da Política Externa Bolsonaroista. *Revista Con-juntura Global*, online, 8(2): p. 45-57. DOI: <http://doi.org/10.5380/cg.v8i2.69854>
- TAYFUR, M. F. 1994. Main approaches to the study of foreign policy: A review. *METU Studies in Development*, 21(1): p. 113-141. Disponível: <www.jstor.org/stable/20097063>. Acesso em 28/05/2020.
- TV CULTURA. 2020. Vera Magalhães sobre os vídeos compartilhados por Bolsonaro. *Jornalismo TV Cultura*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=uRn80rew-5o>> Acesso em 28/05/2020.
- van DIJCK, J. M. 2018. *The Platform Society: Public Values in a Connected World*. New York, Oxford, University Press. 241p.
- _____. 2013. *La cultura de la conectividad: Una historia crítica de las redes sociales*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno. 309p.
- VENTURINI, T. 2010a. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. *PUBLIC - Understanding of Science*, New York, 19(3): p. 258 – 273. DOI: <https://doi.org/10.1177/0963662509102694>
- _____. 2010b. Building on faults: how to represent controversies with digital methods". *PUBLIC - Understanding of Science*, New York, 20(10): p. 1 – 17. DOI: <https://doi.org/10.1177/0963662510387558>
- VASOUGHI, S.; ROY, D.; ARAL, Sinan. The Spread of true and false news online. *Science*. 359(6380): p. 1146 -1151. DOI: <https://doi.org/10.1126/science.aap9559>
- VIDIGAL, C. 2019. Bolsonaro E a reorientação Da política Exterior Brasileira. *Meridiano 47 - Journal of Global Studies*, Porto Alegre, 20(1): p. 20 – 39. DOI: <https://doi.org/10.20889/M47e20011>
- YOUTUBE. 2020. Busca textual por "Comuna Vírus" em 29 de abril de 2020. Disponível em: <<https://youtube.com>>. Acesso em 28/05/2020.

Submetido: 01/10/2020

Aceite: 14/12/2020